

Relatos



O ENSINO DE INGLÊS NUMA ESCOLA INTERNACIONAL*

Fernanda de Abreu Reiff**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o ensino/aprendizado de língua estrangeira em uma escola internacional, a partir do trabalho de uma professora de inglês, fundamentado em teorias recentes de educação e linguística aplicada. Essa experiência mostra que a combinação de um ambiente multicultural e a valorização do aprendiz como parte do processo de ensino/aprendizagem tem obtido excelentes resultados e faz o diferencial no aprendizado da segunda língua.

Palavras-chave: Aprendizagem. Língua estrangeira. Educação bilíngue.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do trabalho e estudo que tenho realizado como professora de língua inglesa, na Escola Internacional Saci (Sociedade de Aprimoramento de Cultura Integral) desde abril de 2003. A área de atuação é a educação infantil na faixa de 2 a 4 anos, e as aulas ocorrem diariamente com a duração de três horas.

Este texto nasceu da reflexão sobre esse trabalho, do qual pude construir uma experiência produtiva e estimulante sobre ensino/aprendizagem de língua estrangeira para crianças em uma educação bilíngue.

Desde 2005, foram abertas quarenta novas escolas de alfabetização simultânea em dois idiomas no país, de acordo com os dados do Ministério da Educação (MEC). Portanto, matricular os filhos em uma escola bilíngue é uma recente opção para as famílias brasileiras de classe média, atualmente, o que se justifica pela crescente inserção da economia brasileira no mundo globalizado.

Abordarei, neste trabalho, questões que mostram a importância e a eficácia do aprendizado precoce de língua estrangeira em uma escola bilíngue, pelo prazer, e a naturalidade com que as crianças desenvolvem as habilidades de fala, escuta, leitura e escrita.

Com base nos apontamentos do pesquisador Schütz (2003), por razões de ordem biológicas e psicológicas, quanto mais cedo a criança venha a ter contato com a Língua Estrangeira, melhor torna-se o ritmo de assimilação da língua alvo. Também de acordo com as teorias do pesquisador Brown (2001), a linguagem desenvolve-se com mais eficácia durante a infância. Então, tornar-se fluente em um idioma estrangeiro é uma habilidade favorecida pelo aprendizado precoce.

* Este artigo foi produzido na disciplina **Didática de Língua Estrangeira**, do curso de Letras da UFJF, sob orientação da professora Dra. Lúcia Furtado de Mendonça Cyranka.

** Graduada em Letras pela UFJF. fernandareiff@yahoo.com.br

Outra questão relevante para essa inovação na área pedagógica é que a educação infantil desenvolve-se com práticas didáticas voltadas para a ludicidade, visto que ela proporciona uma maior interação entre o estudante e a língua alvo, tornando o ensino mais prazeroso. Assim, na pré-escola, a criança vai aprender a LE brincando.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS

Muitas teorias, abordagens e métodos sobre o aprendizado e o ensino de línguas já foram propostos, sempre diretamente influenciados por duas ciências: a linguística e a psicologia. As abordagens sobre o ensino de línguas se sucedem em cada momento histórico de acordo com as formas de pensar, ensinar, aprender e conceber o homem e a sociedade.

No século XVIII, as línguas estrangeiras começaram a fazer parte dos currículos das escolas europeias e a metodologia de ensino baseava-se no método da *Gramática e Tradução*, conforme o modelo da escola latina. Essa abordagem é calcada na ideia de que o aspecto fundamental da língua é sua escrita, determinada por regras gramaticais. A metodologia de tradução e gramática foi muito usada até meados do século 20 (e até hoje na maioria das escolas de Ensino Médio), quando começou a cair em descrédito devido à sua ineficácia em produzir qualquer habilidade oral.

O primeiro grande movimento em oposição ao método tradicional de gramática e tradução ocorreu por volta dos anos 50, quando o behaviorismo de Skinner, na área da psicologia, e o estruturalismo de Saussure, na área da linguística, estavam em moda. Os linguistas de então passaram a valorizar a língua na sua forma oral. Sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunica-

tiva. Essa visão acabou dando origem ao *Método Audio-lingual*, baseado em automatismo e atrelado a planos didáticos tipo Livro 1, Livro 2 etc.

Nas décadas de 70 e 80, as pesquisas de Vygotsky e Piaget defendiam que o conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social e, portanto, o aluno construía sua aprendizagem na interação com os outros sujeitos, relacionando-se de forma direta ou indireta com o objeto.

A partir daí, os especialistas passaram a se preocupar com a forma como as línguas vinham sendo ensinadas no currículo. Realizaram-se muitas pesquisas e surgiram várias hipóteses: a primeira consistia em associar o ensino da língua estrangeira ao ensino da língua materna, defendendo a teoria de que a língua poderia ser ensinada sem o uso da tradução, já que a comunicação dar-se-ia por meio de analogias, associações com eventos e situações reais e concretas vivenciadas na língua materna do aluno. Esse método ficou conhecido como “método natural” e foi muito divulgado, sendo amplamente adotado nas escolas de línguas.

Surgiu, então, a necessidade de um método em que os alunos pudessem participar ativamente da construção do conhecimento por meio de atividades funcionais e significativas que considerassem o contexto sócio-cultural dos alunos de modo a levá-los a participar da construção do conhecimento. As práticas pedagógicas consistiam em dramatizações, escuta de pequenos textos e diálogos autênticos, atividades em pares ou em pequenos grupos, tendo, como foco, a comunicação, e não a gramática descontextualizada. Priorizava-se o trabalho com as funções, razão pela qual o método foi denominado “Funcional”.

Finalmente Stephen Krashen (1991) concluiu que o ensino eficaz de línguas não é aquele que faz uso dos mais avançados recursos tecnológicos para trabalhar a fala em forma de repetição, mas aquele em que o educador cria situações reais de comunicação. Esse método passou a ser

chamado *Método Comunicativo* ou *Abordagem Comunicativa* (RICHARDS and RODGERS, 1995).

O ensino nessa abordagem visa o conhecimento como um todo, e o papel da Língua Estrangeira é contribuir para a formação geral do aprendiz. Assim, as quatro habilidades da língua são consideradas no processo ensino-aprendizagem (falar, ouvir, ler e escrever). Privilegia-se o código oral e as demais habilidades baseiam-se no mesmo código. O uso da língua materna é útil e necessário para facilitar e esclarecer o processo ensino-aprendizagem da língua estrangeira. O erro passa a ser visto como indicador do progresso do aluno e indício de que ele está tentando se comunicar.

Assim, o enfoque comunicativo é definido pelo contexto de relevância e significação para os alunos, aproveitando o conhecimento de mundo que eles trazem consigo e proporcionando, assim, um aprendizado mais próximo da realidade do aprendiz.

A teoria adotada no ensino bilíngue da Escola Internacional Saci, que inspirou esse trabalho, é a teoria proposta por Krashen (1981), a qual está fundamentada no “Método Natural” e na “Abordagem Comunicativa”, o que diferencia o trabalho principalmente por sua hipótese de distinção entre os fenômenos ensino-aprendizagem (Aquisition-Learning): o ensino ou aquisição é um processo que ocorre a nível do subconsciente, funcionando por força de necessidade de comunicação enquanto impulso vital, uma função que o cérebro não pode evitar cumprir ao ser exposto aos impulsos auditivos identificados como mensagem codificada em língua. Já a aprendizagem significa saber as regras, ter consciência delas, falar sobre elas, exigindo, portanto, um esforço consciente. Em outras palavras, um significa saber ‘usar’ a língua, o outro saber ‘sobre’ a língua.

Desse modo, o trabalho no ensino bilíngue enfatiza mais o processo de aquisição da língua inglesa do que o processo de aprendizagem, o qual é realizado com crianças já alfabetizadas na língua materna e que se en-

contram em um processo um pouco mais avançado de comunicação na LE. Assim elas têm mais condições de ter contato com a leitura e a escrita, e as explicações se alternam entre a língua materna e a língua alvo.

2. FUNCIONAMENTO DO ENSINO BILÍNGUE NA ESCOLA

O ensino bilíngue da Escola Internacional Saci foi implementado no início de 2003 e tem como proposta promover um ensino diferenciado com duas horas e meia diárias (de 10h30 às 13h00) de imersão em um ambiente multicultural e bilíngue, no qual o aluno tem a oportunidade de vivenciar uma experiência de comunicação humana pelo uso da língua inglesa, no que se refere a uma nova maneira de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir no mundo plural.

Essa proposta de ensino se justifica pela concepção de que as crianças assimilam uma língua estrangeira com maior facilidade quando começam mais cedo. Dessa forma, poderão dedicar mais tempo ao aprendizado da língua alvo, acumulando um conhecimento maior e mais sólido. Além disso, as pesquisas do Dr. Luiz Celso Pereira Vilanova – Chefe do setor de Neurologia Infantil da Universidade Federal de São Paulo – defendem que “nós nascemos com habilidades de discriminar os sons de qualquer língua, mas poderemos perder isso com o passar dos anos, já que essa capacidade é mais aguda nos primeiros cinco anos de vida” (CHAGURI, 2005).

Para atingir o objetivo desejado – desenvolver a capacidade de os alunos se compreenderem e se expressarem na língua inglesa –, os professores promovem atividades e brincadeiras que estimulam as crianças a utilizar a língua estrangeira de forma natural, sem haver o esforço e a obrigatoriedade para tal. E, nesse ponto, o lúdico uniu-se à educação para trazer descontração e entretenimento à aula, fazendo com que os alunos se sin-

tam mais à vontade e mais motivados a aprender. Dessa forma, a criança assimila os significados, se expressa e constrói a sua realidade.

Segundo Teixeira (1995, p. 23), várias são as razões que levam os educadores a recorrer às atividades lúdicas e a utilizá-las como um recurso no processo de ensino-aprendizagem:

- As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança e, nesse sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica;
- As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais e integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento. Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como um elemento integrador dos vários aspectos da personalidade. O ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve.

A seguir, descreverei algumas atividades que demonstram esse convívio real e a participação ativa da criança, ao usar e ao compreender a língua inglesa.

A hora do almoço, após terminarem suas atividades em sala, a professora leva os alunos ao banheiro, onde deverão lavar as mãos. Nessa atividade, geralmente usam as mesmas estruturas da língua. Na hora de fazer a fila, por exemplo, sempre se pergunta “*Where’s our train?*” (cadê o nosso trenzinho) ou “*Line up*” (em fila) ou ainda “*Get in the line, Fulano*” (entra na fila, Fulano). E no início do ano, quando ainda há alguns alunos que nunca tiveram contato com a língua inglesa, as frases vêm acompanhadas de gestos, por exemplo, “*wash your hands*” (lave as suas mãos). Se o aluno ainda não está familiarizado com o contexto, ele é capaz de assimilá-

lo com os gestos da professora ou com as atitudes dos outros amigos.

Quando chegam ao refeitório, pede-se a uma criança que coloque os pratos na mesa, ao outro que coloque os talheres (“*Take the plates, please*”, “*Get the fork and knife for us!*”). Ao servir a comida, as travessas são levadas até a mesa e a professora diz, em inglês, frases como “*Would you like some lettuce?*” (Você gostaria de um pouco de alface). Nessa hora, estimulam-se as crianças a responderem em inglês, frases simples como “*Yes, please!*” (Sim, por favor) ou “*No, thank you*” (Não, obrigado); algumas, há mais tempo em contato com a língua já assimilaram estruturas mais complexas como “*I don’t like*” (Eu não gosto).

Alguns pais relatam que, durante o fim de semana, as crianças pedem os alimentos em inglês “*Mãe, tem lettuce?*”, “*Coloca salt and oil na salada*”. Isso mostra a eficiência do método utilizado, pois mesmo mergulhado em um ambiente de língua materna, o aluno é capaz de misturar as duas línguas, mostrando que o inglês é uma segunda língua que faz parte da sua rotina diária.

Outras atividades que proporcionam esse convívio real e a interação das crianças com o idioma são as aulas de culinária, nas quais os materiais são palpáveis e as ações são praticadas pelos aprendizes.

Na rodinha, algumas brincadeiras também proporcionam essa imersão na língua de maneira prazerosa e divertida como a de imitar os animais, em que os alunos tiram de uma caixa um animal de plástico ou a figura do animal e devem imitá-lo para que os outros amigos adivinhem; o jogo de bingo, que representa uma ótima oportunidade para aumentar o vocabulário das crianças; o momento “*Show & Tell*” (Mostre & Diga), no qual um aluno de cada vez vai à frente e mostra para a sala o brinquedo que trouxe de casa, dizendo o nome e/ou explicando como se brinca. Nesse momento, há uma grande ajuda da professora, pois os

iniciantes ainda não são capazes de expressar todo o pensamento em inglês e, portanto, misturam as duas línguas (o que eles falam em português é repetido em inglês pela professora, de maneira natural e sem forçar a repetição por parte dos alunos).

Os alunos se envolvem nesse tipo de atividade por não perceberem que estão realizando o esperado pelo professor. Gostam de rir e fazer brincadeiras e, nessas ocasiões, divertem-se muito. Não percebem que estão aprendendo e praticando a língua estrangeira nas modalidades de escuta e fala, partindo de contextos reais e com finalidades específicas. O ensino ocorre sem traumas ou barreiras psicológicas e o aluno sente que pode aprender a língua estrangeira.

Segundo Krashen, o aluno aprende a falar, vivenciando as situações e eventos criados para tal finalidade. Assim, as atividades que possibilitam a expressão corporal, artística e cultural atuam como mediadoras da aprendizagem dos conteúdos específicos da língua estrangeira e contribuem para o desenvolvimento de competências e habilidades.

A leitura e a escrita são habilidades de difícil domínio e exigem do aluno a prática de exercícios e vivências que estimulem tais habilidades, por isso são adotadas nas séries mais avançadas (a partir da 2ª série do Ensino Fundamental), pois os alunos já se encontram alfabetizados na língua materna. As atividades para o desenvolvimento dessas competências ocorrem em contextos reais ou comunicativos, levando o aluno a reconhecer o aspecto funcional daquilo que está aprendendo, o que resulta em maior motivação para a aprendizagem.

Então, a leitura é, nesse entendimento, uma atividade construtivista por excelência e pressuposto básico para a aquisição do conhecimento e construção da cidadania. É também uma forma de diálogo entre os diferentes sujeitos, grupos ou etnias que permite ao leitor a compreensão de ideologias, modos de ser, de agir

e de viver, o que caracteriza as culturas e as sociedades, independente do momento histórico.

3. O AMBIENTE MULTICULTURAL

Outro aspecto relevante que diferencia o ensino de língua estrangeira da Escola Internacional Saci de outros estabelecimentos com o mesmo propósito, mas que usam diferentes metodologias, são os trabalhos de informação e explicação sobre as datas festivas da cultura de países onde se fala o inglês, proporcionando um mergulho em outras culturas. Assim, os professores realizam algumas atividades para explicar e informar a comemoração de datas como o “*Valentine’s Day*”, em fevereiro, semelhante ao “Dia dos Namorados”, embora demonstre o amor em todas as suas formas, não só o de homem e mulher; o “*St. Patrick Day*”, quando o professor explica a origem irlandesa e as lendas que existem em torno de São Patrício; o “*Halloween*”, que primeiramente significava um culto aos mortos, mas que agora se tornou uma festa de fantasias, em que as crianças se vestem de personagens assustadores e batem de casa em casa pedindo doces e, quando são negadas, aprontam alguma travessura. Nesse ano, por exemplo, os alunos foram a um condomínio onde moram algumas famílias das crianças da escola e lá realizaram essa atividade de bater nas casas dizendo “*Trick or Treat*” (Doce ou Travessura). Foi uma ótima oportunidade para as crianças e para os moradores do condomínio vivenciarem essa cultura!

Através dessas atividades, valorizam-se aspectos relevantes da cultura de outros povos – que é entendida como a maneira de vida ou herança cultural – e relaciona-se, assim, o ensino de língua inglesa com a socialização e interação entre as diferentes culturas. Desse modo, proporciona condições para o desenvolvimento de cidadãos multiculturais e capazes de interagir no seu meio social tanto em âmbito local, quanto global.

4. A INTRODUÇÃO DOS PROJETOS NO ENSINO BILÍNGUE: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

A Escola Internacional Saci está sempre inovando suas práticas educacionais com o intuito de promover um ensino de vanguarda na cidade de Juiz de Fora. Assim, no início de 2007, a proposta pedagógica de trabalhar com os *Projetos de Ensino* – que já envolvia a maior parte da escola – passou a integrar o ensino bilíngue, considerando mais os conhecimentos trazidos pelos alunos e sua motivação de modo que ele pudesse ser agente discursivo da língua estrangeira.

Segundo Hernández (1998, p. 89): “a função principal do projeto é possibilitar aos alunos o desenvolvimento de estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares, mediante o tratamento da informação”. Assim, a aprendizagem se baseia em sua *significatividade*, pois pretende partir do que os estudantes já sabem (de seus esquemas de conhecimento precedentes, de suas hipóteses verdadeiras, falsas ou incompletas) ante a temática que se há de abordar.

O projeto que estamos desenvolvendo atualmente chama-se “*Discovering the Rainbow*” (Descobrimos o Arco-íris) e surgiu logo nas duas primeiras semanas de aula, quando realizávamos uma atividade com cartões de várias cores e um dos alunos atentou para o fato de que as cores que estávamos usando eram iguais às cores do arco-íris bordado em sua blusa. Percebendo o interesse das crianças (que pararam a brincadeira para analisar a blusa do amigo e começaram a dizer os nomes das cores em inglês), perguntei se alguém já havia visto um arco-íris: logo, surgiram vários relatos de experiência e muitas histórias e hipóteses sobre o arco-íris. Observei, então, que o assunto interessava a maior parte do grupo e que a problematização do projeto havia emergido naquele momento.

Assim, com a ajuda da minha assistente, detectamos o que os alunos já sabiam e o que gostariam de descobrir sobre o arco-íris. Nesse momento, precisei muito do auxílio da língua materna: ora eu mesma a utilizava, ora a assistente traduzia as minhas perguntas para os alunos (“Então, vocês sabem quantas cores tem o arco-íris?”); outra estratégia utilizada por Patrícia (assistente) era responder às minhas perguntas em português, por exemplo, “Ah! Eu não sei quantas cores o arco-íris tem, vocês sabem?”. E assim, demos início ao nosso projeto que, atualmente, encontra-se em processo de finalização.

Realizamos várias atividades que comprovaram a existência do arco-íris e sanaram as dúvidas e curiosidades das crianças: experiências, pesquisas, debates, danças, trabalhos artísticos e muita diversão, o que manteve os alunos motivados e interessados durante o andamento do projeto.

Essas atividades, além de proporcionar a comunicação e a interação na língua inglesa, proporcionaram, também, a integração de diferentes áreas do conhecimento como a ciência, a matemática e a física, ajudando a formar um cidadão integral com uma visão ampla da realidade na qual está inserido. Segundo Widdowson (1991), o ensino de uma língua estrangeira deve estar ligado às áreas de uso que estão representadas pelas outras matérias do currículo. Dessa forma, a língua estrangeira não só ajuda a assegurar os laços com a realidade pessoal dos alunos, mas também oferece os meios seguros de que dispõem os professores para ensinar a língua como comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em quatro anos de existência, o ensino bilíngue da Escola Internacional Saci produziu os seguintes resultados: as crianças que começaram o aprendizado desde a implantação do método desenvolveram a fala

sem muito sotaque; são capazes de compreender e desenvolver uma breve conversação; produzem textos curtos, além de ler literaturas infantis. E, somando a esses resultados, obtiveram diplomas do exame YLE de Cambridge, no qual os alunos do ensino bilíngue tiveram aproveitamento de quase 100%, principalmente nas modalidades de fala e escuta.

Assim, torna-se relevante ressaltar os pontos cruciais da metodologia.

Primeiro, o ensino de LE deve ser apresentado como diversão, pois o lúdico no processo de ensino-aprendizagem leva o educando a tomar consciência de si, da realidade e a esforçar-se na busca do conhecimento, sem perder o prazer de aprender.

Outra questão relevante é que o ambiente escolar deve proporcionar situações reais de convívio na LE para, através dos resultados da ação e interação do ser inteligente com o seu meio ambiente, os alunos desenvolverem a habilidade comunicativa, aprendendo a conduzir interações com base nas rotinas conversacionais de que a comunicação depende.

Para motivar essa interação, é necessário também considerar os interesses e conhecimentos que as crianças trazem consigo, pois, assim, elas participarão ativamente na construção do conhecimento, através de atividades significativas e relevantes.

E, por fim, é fundamental a articulação das diversas áreas do currículo como favorecimento da construção do conhecimento como um todo, auxiliando o educador e os alunos no trabalho de construção da cidadania, além de aprimorar o conhecimento, não só na língua estrangeira, mas também na língua materna.

Portanto, essa nova prática pedagógica no ensino de LE significa construir um caminho para encaminhar a criança na construção de seu próprio conhecimento, permitindo que ela possa integrar-se à sociedade como agente transformador e construtor de uma nova mentalidade.

THE ACQUISITION OF ENGLISH LANGUAGE IN AN INTERNATIONAL SCHOOL

Abstract

This work analyzes the experience of an English teacher who has been working at Saci (a specialized school in the bilingual education), since 2003. This experience has shown that the school which provides a multicultural conviviality, in real contexts of communication, and that considers the student as part of the process of the knowledge's construction obtains a differentiated education of foreign language, creating citizens critical and capable to interact with other cultures.

Key words: Learning. Foreign Language. Bilingual Education.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROWN, H. D. *Teaching by principles: and interactive approach to language pedagogy*: Prentice Hall Regents, Upper Sadalle River. New Jersey: San Francisco State University, 1994.
- CHAGURI, J.P. "A importância da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental". In: *O desafio das letras*. Rolândia: FACCAR, 2005.
- GARNIER, C. et al. *Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivista*. Escola russa e ocidental. Tradução de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- KRASHEN, S. *Principles and Practices of Second Language Acquisition*. Oxford: Perganon, 1982.
- NOGUEIRA, N. R. *Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores*. São Paulo: Érica, 2005.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

RICHARDS, J. C. and RODGERS, T. S. *Approaches and Methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SCHÜTZ, R. *O que é talento para línguas? English Made in Brazil*. Disponível on-line in < <http://www.sk.com.br/sk-talen.html>>.

TEIXEIRA, C. E. J. *A ludicidade na escola*. São Paulo: Loyola, 1995.

WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Campinas: Pontes, 1991.

Enviado em 06 de junho de 2008
Aprovado em 28 de julho de 2008